

**APÁTRIDAS: PERCURSOS DA MEMÓRIA
EM *SOB CÉUS ESTRANHOS*, DE ILSE LOSA**

**STATELESS PEOPLE: MEMORY PATHS IN
SOB CÉUS ESTRANHOS, OF ILSE LOSA**

Roseane Oliveira de Araújo Félix*
João Batista Cardoso**

Resumo¹: Propomos, no presente estudo, analisar questões relacionadas à memória de expatriados. O fio que conduz nossa discussão está centrado na obra *Sob céus estranhos* (1962), de Ilse Losa, que relata o testemunho de sobreviventes judeus que resistiram ao sofrimento que lhes impuseram os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. A literatura tem apresentado questões que elucidam e documentam momentos específicos na história, com significativa participação no processo de resgate de memórias, como se deu com obras de autores que testemunharam tragédias, perseguições e massacres por parte dos mais fortes sobre os mais fracos. Trazer ao lume reflexões acerca do passado, seja por meio da ficção, do testemunho ou da historiografia, possibilita uma reorganização da sociedade e, sobretudo, da memória. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela transparece em momentos ameaçadores, como ocorreu num determinado período histórico o extermínio massificado dos judeus. O problema, em particular, foi adensado pelo antissemitismo, que daí desencadeou as diásporas forçadas e as dificuldades na busca por territórios que servissem de refúgio. Tais fatos levaram os judeus a se afastarem de suas terras de origem. A saída rumo ao desconhecido se deu mesmo sem saber, de antemão, sobre as possibilidades de sobrevivência em outros territórios que não estivessem sob o domínio da Alemanha. Nesse novo território, o expatriado sobrevive, principalmente, através de memórias de um passado em que pertencera a uma pátria.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Língua. Exílio. Ilse Losa.

Abstract: We propose in the present study to analyze issues related to expatriate memory. The thread that leads our discussion is centered on the work *Sob céus estranhos* (1962), by Ilse Losa, which relates the testimony of Jewish survivors of the Second World War massacre. Literature has demarcated issues that elucidate and document specific moments and spaces in history, with significant participation in the process of rescue of memories, as it happened with works by authors who experienced tragedies,

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão, Catalão — GO, Brasil.
E-mail: <roseane_oliveira_felix@discente.ufcat.edu.br>.

** Professor Titular da Universidade Federal de Catalão, atuando na Graduação e Pós-Graduação.
E-mail: <qfl284@ufcat.edu.br>.

¹ Este trabalho, desenvolvido com fomento da FAPEG — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, apresenta o fragmento de uma pesquisa em andamento, nível doutorado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão.

persecutions, and massacres. Bringing to light reflections about the past, whether through fiction, testimony, or historiography, enables a reorganization of society and, above all, memory. It means taking possession of a memory as it emerges in threatening moments, such as the mass extermination of the Jews at a certain historical moment. The problem, in particular, was compounded by anti-Semitism, which then triggered the forced diasporas and the difficulties in finding territories that could serve as refuge. These facts led the Jews to move away from their homelands. They left for unknown lands, even without knowing, beforehand, about the possibilities of survival in this other world. The characters in Ilse Losa's work found themselves on a plane that was alien to their lived reality; the conditions of survival were on the opposite side of the land that expelled them; that is, they went as the situation of the moment suited them. In this new world, the expatriate survives mainly through memories of a past in which they belonged to a homeland.

Keywords: Literature. Memory. Language. Exile.

Introdução

Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la (Edmund Burke).

Ilse Losa (1913-2006), judia alemã, refugiou-se em Portugal, em decorrência da ascensão do nazismo. Viveu, portanto, a experiência do exílio. Algumas de suas obras refletem momentos de inquietações ocorridos na Alemanha, sobretudo com alemães judeus, no contexto da Segunda Guerra Mundial. O momento histórico e os acontecimentos sucedidos à Ilse e seu povo, serviram-lhe de ensejo para uma vasta produção literária: escreveu romances, crônicas, contos e narrativas infantis e juvenis. Em 1984 foi agraciada com o Grande Prêmio Gulbenkian, instituído pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal, concedido graças ao seu conjunto de obras para crianças e jovens. Dentro do gênero romance, destacamos as narrativas *O mundo em que vivi* (1949), *Rio sem ponte* (1952), *Sob céus estranhos* (1962), as quais podem ser consideradas autobiográficas devido à similaridade entre acontecimentos da vida pessoal da autora e os fatos ocorridos com as personagens das tramas.

No mundo ficcional dos romances supramencionados, as personagens vivem sob aflições constantes e recorrem à fuga e, conseqüentemente, ao exílio, para se livrarem da morte. De forma semelhante à ficção, a vida de Ilse também passa pelo mesmo processo, quando é obrigada a abandonar seu país e se exilar em Portugal. Em *Sob céus estranhos* (1962), temos as dimensões da tragédia e a vida dos refugiados, apresentando um panorama situacional da guerra. Nesse romance, aqueles que conseguiram fugir das perseguições e dos campos de

concentração nazistas vivem momentos incertos, buscando, nas trajetórias por caminhos desconhecidos, formas que lhes possibilitem narrar os acontecimentos que testemunharam.

O processo de narrar esses fatos histórico-sociais, na condição de testemunha, é, em muitos casos, difícil e lento, pois requer todo um esforço de reviver as agruras de um passado de sofrimento sombrio, causando desconforto, tanto para quem relata os acontecidos, quanto para quem ouve, pois nem sempre a testemunha encontrará ouvidos que suportem o peso que sua narração carrega, peso este qualificado como sendo de responsabilidade social, frente às condutas de opressão, aos impactos de instabilidades identitárias causados nas vítimas, além de outros fatores negativos, como a questão cultural em jogo e a marginalização constantes.

Seguindo as reflexões de Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 47), a narrativa das vítimas “afirma que o inesquecível existe mesmo se nós não podemos descrevê-lo”. Torna-se necessário o registro dessas memórias para que não sejam apagadas ou esquecidas para sempre. Todavia, “lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror”, fatos que se reproduzem constantemente.

Os temas da diáspora, do exílio e do desenraizamento envolvem a condição humana desde o surgimento da civilização como a concebemos nos dias que transcorrem, ao mesmo tempo em que aponta para a preservação ou o abandono de valores, pois o desenraizamento e a conseqüente perda dos referenciais conduzem, na obra em questão, à ruptura das estruturas culturais ou, como aponta Edward Said (2003, p. 59), “o exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela – o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos”. A diáspora, nessas circunstâncias, degenera-se sob a forma desumanizante do exílio. O homem perde suas raízes e se degrada antes que possa criar novas raízes em terras estrangeiras. Dessa forma, o exilado carrega consigo uma aura de pesar e saudade da pátria, vivendo como um estranho e estranhando aqueles ao seu redor, ou como bem afirma Regina Dalcastagnè (2003, p. 33), “longe de casa, deixa de enxergar no outro o reconhecimento de si”, sua trajetória por outros lugares acaba “transformando-o sempre num outro homem, com gestos, caráter, personalidade diferentes”. O exilado vive, dessa forma, nos limites da realidade e do sonho, emprega a memória para dar sentido à vida, num processo estratégico à própria existência.

Questões de exílio e memória são temas relevantes encontrados na literatura de testemunho, a qual possui um campo abrangente de estudos, com problemáticas que tratam, sobretudo, de fatores sociais e históricos que demarcam comunidades inteiras. Ao abordar tais questões em uma pesquisa acadêmica, relacionando as conseqüências traumáticas na remodelação de sujeitos expatriados, em luta para reconstruírem suas memórias, estamos de

alguma forma instigando pensamentos críticos acerca dos problemas sociais, como a intolerância às diferenças, o afastamento e o terrorismo impostos a determinados grupos.

Destarte, a literatura auxilia para mantermos viva uma memória social, seja na sua individualidade ou mesmo que abarque o todo, uma vez que, sendo as memórias migradas para a ficção, passam do individual para o coletivo. A voz do narrador é o instrumento que o exilado encontra para ecoar, aos ouvidos da sociedade, todas as suas pretensões e sonhos com um mundo em que a liberdade possa ser a culminância de sua gesta. Por meio do testemunho ficcionalizado, o leitor tem conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas vítimas de catástrofes, a revelação das experiências passadas torna-se um desafio, conforme é apresentado por Lygia Fagundes Telles:

De um lado a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante de fatos (inenarráveis) como também — e com um sentido muito mais trágico — a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua consequente inverossimilhança [...] O testemunho se coloca desde o início sobre o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o real) com o verbal (TELLES, 1999, p.39).

A narração do testemunho, em alguns casos, ocorre fora da pátria. Eis, portanto, mais uma barreira que impede a fluência do relato, além da linguagem se apresentar insuficiente para exprimir o “inenarrável”, conforme tese defendida por Telles, a testemunha precisa enfrentar outras barreiras, tais como, situação de estranheza num espaço que lhe é adverso e a inacessibilidade à língua local.

Essas considerações nos fazem crer na hipótese de que o exílio se torna, nesse caso, um modo de opressão e as narrativas testemunhais podem ser consideradas uma libertação, porque servem de intermédio para desnudar um passado sombrio e resgatar memórias, sejam elas individuais ou coletivas. Seguindo esse pensamento, Jacques Le Goff ressalta a importância da memória para a configuração de certa identidade, e afirma que, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Entre o exílio e os resquílios da memória, os refugiados tentam se desvencilhar da falta de perspectiva, dos castigos e da morte; nesse percurso, o sujeito encontra no outro local que

lhe servirá de abrigo inúmeras incertezas acompanhadas de exploração, humilhação; o sonho de ter uma vivência feliz lhe é impedido a cada busca, novas lutas são desencadeadas no desejo de encontrar um lugar que possa chamar de lar.

Há, portanto uma ruptura entre a pátria e a nova morada, o sujeito agora, procura lidar com a cicatriz causada por esse rompimento. Nesse caso, percebe-se que as lembranças e a memória possuem um impacto de grande significância, pois, conforme reflexões de Ecléa Bosi (1994, p. 47), “a memória permite a relação do corpo presente com o passado”, e conseqüentemente, entendemos ser esta, uma forma de sobrevivência contra as hostilidades vigentes. “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BOSI, 1994, p. 46). O sujeito em relação às percepções dos objetos, monumentos ou pessoas à sua volta é capaz de ressignificar a realidade presente por intermédio do passado, cuja lembrança é o meio de sobrevivência. “O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 1994, p. 46).

No romance *Sob céus estranhos*, percebemos que o recurso para o desenrolar da narrativa é baseado, fundamentalmente, na memória das personagens. O espaço da narrativa está ambientado na cidade do Porto, local de passagem para os inúmeros refugiados. Alguns se deixam ficar, na esperança de conseguir a nacionalização, mas a grande maioria, procura os caminhos que levam aos Estados Unidos ou a algum país da América do Sul, pois acreditavam que as chances de conquistar uma vida melhor estavam lá, conforme indicamos em passagem da obra: “— Vai para a América — disse mamãe. — É o país das possibilidades ilimitadas/ — *Slogan* batido — protestei [...]. / Mas não era afinal tão simples emigrar para a América como ela supunha” (LOSA, 1987, p. 33). Difícil era encontrar quem afiançasse a viagem pois, como sabemos, os judeus não gozavam de quaisquer privilégios num contexto de ameaças; os familiares que já haviam migrado não dispunham de condições para ajudar aos que ficaram.

O tio-avô, que afiançara Tony, não era bastante rico para me afiançar também a mim, sobretudo porque a fiança tinha subido, desde a partida de Tony, de mil para dois mil dólares. E Tony ganhava pouco [...] — São poucos os países que ainda recebem de boa vontade gente nossa — disse o rabino. Só o dinheiro abre as portas, mas não nos é permitido levar dinheiro. E onde arranjá-lo? Na Inglaterra tenho amigos. Por intermédio deles talvez se conseguisse alguma coisa, mas levaria tempo, e prevejo acontecimentos desastrosos dentro em breve. A guerra está iminente. Tudo isso previa o rabino. Só não previa o seu próprio destino, que viria a terminar na câmara de gás (LOSA, 1987, p. 36).

A personagem central do romance supracitado é o judeu Josef Berger ou José, a forma aporuguesada como passou a ser tratado. Os fatos na narrativa que remetem à vida na

Alemanha, são evocados a partir das memórias de Josef que, enquanto aguarda o nascimento de seu primeiro filho com Tereza, anda pelas ruas da cidade. Por meio de *flashbacks* da personagem, o leitor tem acesso às memórias; vêm à tona acontecimentos mais recentes em Portugal, a vida de outrora na Alemanha junto aos seus familiares e os trâmites para a emigração, o fim da guerra e o retorno à terra natal.

A narrativa não segue uma linearidade dos fatos. Tudo ocorre conforme as memórias da personagem são despertadas. Para Josef, o tempo presente é uma incógnita, tudo à sua volta gira em torno do passado e do futuro. “Tempo. Atrás de si Tempo, à frente de si Tempo: passado, futuro. E o presente? O que era o presente? O espaço invisível entre os dois traços de um minuto, de um segundo?” (LOSA, 1987, p. 7). Para a personagem o presente estava composto pelo vazio, a vida era definida ora por um passado sombrio, ora por um futuro incerto.

Observemos a grafia da palavra “Tempo”, a autora empregou letra maiúscula, portanto, lançamos a hipótese de que esse “Tempo” que aparece na narrativa recebe vida e passa a agir de maneira determinada para com cada personagem, revelando-se uma das personagens centrais na trama, pois a vida de todos aqueles que integram a narrativa giram em torno desse “Tempo”.

A fuga da pátria sucedera com base no pouco tempo que existia, a guerra era iminente; a permanência no Porto ou o prosseguir viagem dos refugiados era baseado no tempo, restrito aos três meses de duração do visto; o nascimento do filho de Josef dependia unicamente do tempo, a esposa entrara em trabalho de parto e contava com o tempo preciso, imposto pela própria natureza do corpo da mulher, para trazer a criança ao mundo, no caso de o tempo não se cumprir, conforme a necessidade do feto, haveria risco de aborto; o regresso à terra natal só poderia ocorrer quando o tempo de guerra cessasse; até mesmo as memórias dependiam do fator tempo, pois é através dele que há esse contato. Todas essas questões têm como protagonista o “Tempo” cujo impacto na vida das personagens é caracterizado como um ser ativo.

Josef Berger sentira a ação do “Tempo” em sua vida quando poderia perdê-la em questão de instantes, a violência que sofrera na Alemanha o fez fugir antes que fosse tarde demais.

Eu percorria de bicicleta a paisagem e me maravilhava com as macieiras em flor ao longo da estrada. De repente senti-me tombado no chão. Corpos atiraram-se sobre o meu corpo: mãos abertas, punhos, unhas, botas. A volúpia de homens transformados em besta: “espicha, porco de judeu!” Depois fiquei só, na valeta húmida, a gemer de dores e de solidão (LOSA, 1987, p. 32).

Depois de perceber que a vida corria perigo, Josef se refugia em Portugal e, passados alguns anos, contrai matrimônio com Tereza, mulher de nacionalidade portuguesa. Enquanto a

esposa está no hospital em trabalho de parto, Josef passa por momentos de aflição e incertezas por estar num país que não é o seu de origem e por pensar que o filho, mesmo sendo de descendência judaica teria uma pátria para chamar de sua.

Sou estrangeiro, estrangeiros são tolerados, ai daquele que se atreve a integrar-se!, se ao menos me naturalizassem, diabo!, [...] o nosso menino não será estrangeiro, é o que lhe vale, tenho de me deixar ficar por isso... ficar... linda palavra... [...] ficar, quem me garante que possa ficar, quem garante seja o que for, quem garante que a Teresa não morra de parto? [...] mas se Tereza vai morrer e o menino também, então saio daqui, certo e sabido, vou para o Brasil (LOSA, 1987, p. 179).

Neste trecho, percebe-se a aflição da personagem diante de uma situação que, a depender de seu desfecho lhe mudará a vida. Aqui não se trata mais de uma lembrança/memória, mas de uma externalização de sentimentos, mágoa pela sua condição de estrangeiro. Veja que a possibilidade de retorno à terra natal não é cogitada, pelo contrário, o que está explícito na fala da personagem é a condição de diáspora contínua, pois conforme o narrador, “não se volta tão depressa para uma terra impregnada de cheiro a crime, sobretudo quando esse crime nos diz respeito” (LOSA, 1987, p. 133). Quando a volta é possibilitada, o exilado sente um vazio que a palavra é incapaz de explicar. “Voltei, mas já não era a minha casa nem a minha chegada nem o meu regresso. O regresso, Nils, está dentro de nós e o resto é mutação ininterrupta. E quem uma vez foi condenado a fugir nunca mais será outra coisa senão um fugitivo [...] dificilmente conseguirá chegar” (LOSA, 1987, p. 23).

1. Superba: o local das reminiscências

[...] E o meu quintal era pequeno e insignificante. Tão grande vivera na minha memória! As macieiras carregadas de maçãzinhas escuras, um tanto azedas, cujo gosto me ficara gravado na língua, de modo que a cada momento podia saboreá-lo. (LOSA, 1987, p. 65).

Porto é a cidade do atravessamento. Os milhares de refugiados da guerra têm esse local como passagem para outro que forneça sobrevivência. Nessa cidade, os trazidos da guerra ficavam sob constantes renovações de vistos e autorização para permanecerem no país, conseguir dinheiro ou quem afiançasse a partida para a América. “Raras vezes os zelosos

funcionários lhes prolongavam os trinta dias de autorização de permanência, a não ser para lhes trocarem pela permanência nas cadeias de Lisboa. Em pouco tempo as salas comuns transbordavam de fugitivos” (LOSA, 1987, p. 72).

Todos esses fatos envolvendo os fugitivos judeus, em Portugal, são do conhecimento de Josef. A personagem os expõe ao leitor por meio de sua memória, no momento em que caminha, à noite, pelas ruas da “cidade morta [...], lugares desoladores como as salas de espera das estações” (LOSA, 1987, p. 15). Tais acontecimentos são expostos por um sujeito, no entanto, faz parte de um todo maior, ou seja, é a representação de uma memória social.

Todavia, para nos situarmos, no presente estudo, acerca das abordagens dessas memórias que dão azo ao romance em análise, procuramos posicionar nossas perspectivas de estudo por um viés social, sob o qual os sujeitos constroem suas memórias individuais tendo como base a memória coletiva.

Por memória social, Jô Gondar (2005) afirma ser um “grande desafio” conceituá-la, visto que suas fronteiras podem comportar uma multiplicidade de definições, pois há diferentes maneiras de concebê-la e diversos modos de abordagens, formular um conceito de memória social no sentido clássico do termo seria reduzir as diferentes facetas que a envolvem. Dessa forma, a autora dá destaque a quatro proposições de memória social como sendo transdisciplinar; ético/político; construção processual e ao não simples fato de representação. Essa polissemia da memória social a caracteriza como plurissignificativa com abertura para uma variedade de signos. Em meio à complexidade de se conceituar a memória social, Gondar lança a seguinte reflexão:

Pensamos a memória social como um processo. É um processo do qual as representações são apenas uma parte: aquela que se cristalizou e se legitimou em uma coletividade. A memória, contudo, é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também em uma esfera irrepresentável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras (GONDAR, 2005, p. 24).

É interessante pensarmos também que a constituição dessa memória social tem estreita relação com os contextos históricos, cujos eventos marcam a vida de sujeitos proporcionando a criação de memórias individuais.

Maurice Halbwachs (1990) formula o seguinte pensamento: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51), eis, portanto, um jogo de constante produção de

conhecimento em que os sujeitos exercitam a memória a partir dos contatos entre espaços e histórias, retirando de cada fragmento elementos que irão constituindo a identidade. À medida que o sujeito se distancia do tempo presente, surge a necessidade da lembrança, esta já situada num tempo passado, vindo à tona, memórias que delinearão o tempo futuro.

Há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente (GONDAR, 2005, p.17).

Conservar as memórias de determinado período histórico é uma das formas de tornar acessível às próximas gerações um mundo de possibilidades e aprendizados. É um ato de evitar o silenciamento de vozes que foram deixadas à margem da sociedade, é a memória utilizada como resistência social aos opressores que omitem e silenciam, ocultam e manipulam grupos excluídos.

A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, ou mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes do passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que delas conservem alguma lembrança. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que se esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou que dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 1990, p. 79-80).

Desse modo, a literatura de Ilse Losa cumpre esse papel de fixar as lembranças de um período histórico, nas páginas da ficção. Reproduziu espaços e pessoas em suas obras, oferecendo-lhes o direito à fala, a oportunidade de contar as suas memórias. Em *Sob céus estranhos*, Josef é o porta voz das vozes silenciadas, portanto, o denominamos de “O colecionador de memórias” e os espaços por onde ele anda são fontes que subsidiarão sua narrativa.

Dentre muitos cafés espalhados pela cidade do Porto, se destaca o Superba. É ali que a maioria dos refugiados se encontram. Nesse espaço, experiências são compartilhadas e memórias evocadas ao calor dos encontros. O local é de passagem, portanto, provisório para cada um que circula por ali. A cada dia o Superba é habitado por novas personalidades, as quais estão sujeitas a viverem à margem da sociedade e, por consequência sofrem todo tipo de violência, dentre tantas, a intolerância e o preconceito são formas que atingem o estrangeiro em seu âmago, pois a rejeição em momentos de incertezas desestabiliza o indivíduo. “Essa gente estranha, espalhada pelos cafés e pelas praias, a levar uma vida de nómada³, quase de ciganos, destoava do ambiente e criava uma atmosfera de instabilidade, incerteza e angústia” (LOSA, 1987, p. 62).

O Superba torna-se ouvidos e testemunha das muitas vítimas que adentram seu recinto. O cenário da guerra e das perseguições aos judeus é descortinado ao leitor, conforme pontuam Saul Kirschbaum e Lysley Nascimento, referindo-se à obra *Sob céus estranhos*:

fazendo dialogar texto e contexto; por conhecimento próprio do narrador/protagonista ou por informação recebida de outros refugiados, chegam ao texto as câmaras de gás, os fornos crematórios, os vagões selados, os massacres. No entanto, o foco dramático não recai sobre os crimes cometidos pelo nacional-socialismo, mas sobre as perturbações humanas ocorridas em consequência da barbárie (KIRSCHBAUM; NASCIMENTO, 2007, p. 7).

Em *Sob céus estranhos*, Ilse Losa cria, por meio do Superba, um entrelugar em que as personagens ficam à espera de qualquer chance que lhes possibilitem a partida para outros espaços nos quais seja possível zelar pela própria vida, pois a permanência na terra natal é impossibilitada em decorrência das perseguições. Para onde forem terão que colocar em prática a adaptação e o entrosamento com o outro como estratégia de sobrevivência, porque lidar com o diferente torna-se um desafio constante.

Por isso adotam a fronteira como local de fala, desse intermeio ecoam-se vozes e histórias dissonantes, ou seja, na fronteira residem os grupos minoritários, “é nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente” (BHABHA, 1998, p. 24). No entanto, há no inconsciente da personagem o desejo de sair do entrelugar e se estabelecer enquanto sujeito num ambiente fixo em que os impactos da instabilidade sejam menores, mas por outro

³ O romance ora analisado foi escrito no Português de Portugal, portanto, nas citações de trechos da obra manteremos como descrito no original.

lado, não vislumbram o enraizamento em qualquer nação. “E tanto faz que vagueie de terra em terra ou de ilusão em ilusão: o que dificilmente conseguirá é chegar” (LOSA, 1987, p. 23). A personagem sente a incompletude fora da pátria, estrangeiro para o outro e para si. Desse modo, conforme reflexões propostas por Julia Kristeva,

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais (KRISTEVA, 1994, p. 15).

Essa condição do estrangeiro é apresentada por Ilse Losa também em outras obras de sua autoria. A autora concede voz ao seu povo através de personagens como Josef Berger, procurando não deixar a memória de seu povo imergir. As memórias resgatadas pela personagem, em sua maioria, dizem respeito aos momentos de tensão vividos na Alemanha, nos campos de concentração.

Acontecia chegarem prisioneiros de campos de concentração resgatados por altas somas em divisas estrangeiras por parentes nas Américas. Vinham acabrunhados, esfomeados como bichos, humilhados até à ira ou à apatia ou tomados desse azedume peculiar das pessoas que estão em disputa com o seu destino por saberem que o fantasma da abjeção infernal se intrometerá (LOSA, 1987, p. 88).

No decorrer da vida de Josef em Portugal, e em suas idas ao Superba, ele observa a situação de seus compatriotas. Tudo o que ele sabe e presenciou é trazido à tona. Suas memórias são reveladas ao leitor que, por sua vez, toma conhecimento das condições dos exilados naquele país:

Ainda dominados pelo medo e ameaças, suspeitando em cada indivíduo um criminoso ou um denunciante, só de noite, atrás das portas fechadas e depois de terem certificado repetidas vezes de não haver escutadores escondidos, relatavam febrilmente, de olhos assombrados e de mãos trêmulas, o que viram e o que suportaram (LOSA, 1987, p. 88).

No romance *Sob céus estranhos*, Ilse apresenta a dor do exilado, que por extensão é sua dor também. Quando a guerra era iminente em seu país, fora presa pela Gestapo e condenada ao exílio. Assim como a personagem Josef, a autora também fora obrigada a deixar o emprego

e a faculdade de medicina, dessa forma, podemos ler as obras de Ilse sob um caráter autobiográfico, pois encontramos nas personagens características que dialogam com a vida pessoal da autora.

Edward Said apresenta algumas reflexões sobre o exílio e deixa uma questão muito interessante a se pensar. O autor diz que “logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’ está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas” (SAID, 2003, p. 50).

Ao exilado, portanto, resta a nostalgia e viver sob o que resta de suas memórias, sonhando, muitas vezes, como o seu retorno.

Imaginava-me vezes sem fim a regressar, caminhar pelas ruas da minha cidade, escutar os ruídos, sentir os cheiros, reconhecer os rostos familiares, mas numa cidade onde grassara a morte os ruídos trazem ecos de túmulo, e onde o crime fora legítimo retumbam gritos das valas comuns e dos crematórios; e os cheiros ocre e podres evocam cadáveres, e os rostos envelhecidos, carregando amargura, ficam distantes. Mas a casa, a minha casa era a mesma. A tília em frente conservava o seu porte altivo, o seu cheiro doce e o mesmo reflexo prateado das suas folhas ao serem agitadas pelo vento (LOSA, 1987, p. 172).

Em outras passagens encontramos materializadas as memórias da personagem Josef. Isso se dá quando ele volta à Alemanha com a esposa:

Sentávamo-nos, ao anoitecer, num dos bancos junto do rio e olhávamos para a água tranquila, onde se espelhavam as iluminações das ruínas fantasmagóricas. Nada disso me dava a sensação de regresso, nem de chegada. Tudo ficava para além de mim, insólito ou morto. E só quando passeámos pela floresta calada, sabedora e estranhamente pacífica e vimos brotar, cristalinas e intangíveis, as nascentes e os ribeirinhos da minha infância, é que experimentei a sensação de ter voltado. Respirando fundo, procurei ouvir as vozes do passado, os risos do passado. Então Tereza interrompeu (LOSA, 1987, p. 174).

Com o retorno de Josef, percebe-se que há uma questão de afeto construída na relação que existe com o espaço de origem, pois ali há uma história e a conexão desse indivíduo com o espaço faz ressurgir momentos que o levam a uma identificação mútua, principalmente quando passa a vislumbrar em cada detalhe que o cerca a projeção do mundo material e espiritual que lhe conferiu o jeito de ser e viver.

2. A língua enquanto reduto da memória

Em relação a riquezas que comportam uma posse simultânea sem sofrer nenhuma alteração, a linguagem institui naturalmente uma plena comunidade onde todos, haurindo livremente do tesouro universal, concorrem espontaneamente para sua conservação (BOURDIEU, 2008 p. 29).

A língua se constrói o tempo todo e por meio dela construímos memórias. Os sujeitos dotados de uma linguagem são frutos de relações entre línguas e práticas sociais em espaços de resistência pois, a partir da tensão gerada por meio das diferenças linguísticas e culturais retomam suas experiências e projetam novas experiências.

No romance em estudo, conforme avançamos a leitura, vamos percebendo que a língua materna é utilizada frequentemente pelas personagens como uma espécie de refúgio, uma fonte de acesso à sua cultura. Com essa articulação, temos um sujeito capaz de reconstruir sua identidade por meio dos fragmentos, tanto da memória, quanto de identidades que se fundiram no processo de diáspora. Josef encontra, no café, um de seus antigos alunos da língua alemã. Nesse encontro, a personagem vê mais uma oportunidade de recordar seu país através da língua. “— E o seu alemão, Sr. Ribeiro Pinto?/ O outro deu uma gargalhada rouca:/ — Schlecht! — e riu outra vez [...]/ Alemão dá lição de alemão, dizia o seu anúncio no comércio [...] Mas não há dúvida, você sabia daquilo./ — Era a minha língua” (LOSA, 1987, p. 14).

Com efeito, a língua então, adquire função de memória. A personagem a utiliza como ferramenta de trabalho e como ponte de acesso à terra natal. “Josef viu, em mente, o Sr. Ribeiro Pinto a soletrar, na velha gramática de Prêvot, e a soltar gargalhadas por achar as palavras ‘muito cômicas, uns autênticos achados’ e as declinações ‘uma caturrice dos alemães’” (LOSA, 1987, p. 14). A partir dos excertos mencionados, podemos constatar que as personagens, por meio da fala, influenciam na língua do outro, evidentemente, a língua do forasteiro sofre mais alterações que a língua do nativo. Fato esse que pode ser comprovado por meio das falas: “Você sabia daquilo” e em seguida a resposta: “Era a minha língua” (LOSA, 1987, p. 14. *Grifo nosso*). A forma verbal como as palavras “sabia” e “era” estão empregadas, dão a impressão de que a personagem não possui mais o domínio de sua língua materna, restringindo-a ao grupo minoritário, no entanto, recorre à memória que resta dessa língua como forma de preservação da língua materna.

Nesse contexto, a língua minoritária adquiriria uma dupla função de memória. No primeiro caso, além de manter a unidade do grupo, a prática e o ensino da língua seriam o meio de conservar a memória de um grupo. No segundo caso, a relação iria no sentido contrário, ou seja, o aprendizado da língua seria o meio para os descendentes voltar ao passado de uma família ou de um grupo de migrante [...] a língua teria uma função de preservação da memória que superaria as simples condições de identificação a uma cultura ou etnia específica. Não seria desprovida de nostalgia ou saudade a um passado idílico, bem como corresponderia a uma insatisfação na vida presente. Convém lembrar ainda que a língua em si é suporte da memória (NARDI, 2004, p. 125).

A busca pela preservação das memórias era contínua, Josef não perdia a oportunidade em manter contato com sua língua, dava aulas particulares a preços módicos, primeiro como forma de sustento próprio, segundo com a intenção de exercitar o alemão. “O Souza apresentou-me aos amigos: aos senhores engenheiros, médicos e advogados. Depressa quatro deles descobriram que necessitavam de aprender a língua alemã para poderem ler revistas da sua especialidade” (LOSA, 1987, p. 54). O sujeito migrante enfrenta desafios constantes, pois além de lidar com as questões culturais e identitárias de um país estrangeiro, precisa manter uma relação de harmonia entre a própria língua e as diferentes línguas e espaços de sua travessia.

Os quatro alunos marcaram três lições por semana, no consultório do mais novo, um médico recém-formado. À primeira lição apareceram em número completo e pontualmente, sentaram-se comigo no consultório desconfortável e frio, em volta da secretária, adornada com um crânio amarelo, um tinteiro de mármore e caixas de amostras de medicamentos. Transbordando de entusiasmo, aprenderam depressa os três primeiros artigos definidos e os vocábulos *Zeitung, Nachricht, morgen, Frau e Liebe*. Depois começaram a falar das suas ideias políticas, motivo de animadas discussões [...] Mas logo depois da primeira lição começaram a faltar, às vezes só aparecia um, e outras vezes nenhum. Quando assim acontecia, eu passava, impaciente, uma hora inteira na sala de espera, ao pé duma velha empregada, de poucas palavras, que matava o tempo a tricotar. Foi ela quem, no fim do mês, me entregou, num sobrescrito branco, a remuneração total das doze lições combinadas: a contribuição de quatro fogosos adversários de todos os regimes totalitários para uma vítima da tirania germânica (LOSA, 1987, p. 54. *Grifo do autor*).

A harmonia que procura se orientar falha em alguns sentidos, tendo em vista que, para ser aceito no espaço do outro, o migrante adota como seus, os costumes daquele espaço em que se encontra acolhido, restando-lhe apenas o silenciamento como forma de submissão.

A língua dos migrantes assim, é por definição, minoritária, pois constitui núcleos linguísticos em território alheio. No entanto, ela se transforma ao

contato com o país adotivo para criar uma nova língua e, a isso, acrescenta-se o natural caráter evolutivo das línguas, em constante mudança frente às novas realidades e à modernidade (NARDI, 2004, p. 119).

A língua é a expressão de um povo, ela corresponde a modos de pensamento, uma visão do mundo, carrega em si uma cultura, uma história de que é reflexo. Entre os grupos de migrantes e seus descendentes, a língua está no centro da comunidade (NARDI, 2004), tanto por seu caráter unificador quanto por sua relação com a memória histórica e cultural. Sujeitos e memórias são elementos que constituem uma sociedade ética e política.

Considerações finais

A título de conclusão, as considerações levantadas no presente estudo nos possibilitaram compreender que ações e fatos sócio-históricos guardam íntima relação com as articulações desenvolvidas pelos sujeitos e suas memórias, tanto individuais quanto coletivas. Com base nas contribuições de autores que embasaram a escrita desse texto, foi possível refletir, a partir de uma leitura analítica da obra *Sob céus estranhos*, que os sujeitos que se encontram em situações de diásporas, exílio e perseguições, perdem seus referenciais de pátria enquanto objeto concreto, passando a se manterem, minimamente, em relação à cultura e à identidade, com os subsídios linguísticos, culturais, políticos e emocionais, restritos à memória. Concluímos também que para se preservar um passado histórico, resgatar costumes e, até mesmo, restaurar uma cultura já esquecida por determinado grupo, o acesso a todas essas questões é fundamentalmente possível, desde que os sujeitos consigam acessar suas memórias, sejam elas registradas, escritas, sejam narradas para as gerações futuras que se comprometam a evitar o silenciamento. A literatura de Ilse Losa cumpre o papel de fixar as lembranças de um período histórico, nas páginas da ficção. Reproduzindo espaços e pessoas em suas obras, oferecendo-lhes o direito à fala, a oportunidade de contar as suas memórias.

Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- CULT, Revista. Dossiê: Literatura de testemunho redimensiona relação entre literatura e realidade a partir de relatos dos sobreviventes de campos de concentração. *Lygia Fagundes Telles — a prosa do imaginário*. Ed. 23, São Paulo, 1999.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Pelas margens da cidade: Exclusão e silenciamento em Samuel Rawet e Luiz Ruffato. *Itinerários*, Araraquara, n. 32, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/4573>>.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: editora 34, 2006.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2 ed. São Paulo: Editora Revista dos tribunais, 1990.
- KIRSCHBAUM, Saul; NASCIMENTO, Lyslei. *Sob céus estranhos*: Ilse Losa e Daniel Blaufuks. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 13, n. 24, 2019, p. 89-112. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14542/pdf>>.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- LOSA, Ilse. *Sob céus estranhos*. 2 ed. Lisboa: Afrontamento, 1987.
- NARDI, Jean Baptiste. Línguas minoritárias e memória. *Resgate: revista interdisciplinar de cultura*. Campinas — SP, v. 12, n. 1, 2004, p. 117-134. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645616/12916>>.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outras artes*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.